

O EVANGELHO DE JOÃO: AUTORIA, DATA E LOCAL DA REDAÇÃO DO QUARTO EVANGELHO

Cleverton Duarte EPORMUCENA *

RESUMO: O quarto Evangelho é o escrito do Novo Testamento que possui a mais alta cristologia. Desvendar as questões acerca da autoria, data e local, tem sido um dos maiores desafios para estudiosos do quarto Evangelho. Esse esclarecimento da autoria, data e local, poderá ser uma chave mestra na reconstrução das obras joaninas e das obras sinóticas bem como na cientologia dos escritos do Novo Testamento. O presente artigo está fundamentado no estudo do texto joanino e na investigação de revisão bibliográfica. Procurará esclarecer e entender quem possivelmente foi o autor e qual data e local se encaixa melhor no contexto da escrita do Evangelho de João. Os resultados obtidos revelam e apontam que o contexto do ano 90 pode trazer um melhor esclarecimento para resolver a problemática proposta no tema deste artigo. Espera-se que o conteúdo desta pesquisa contribua para novas reflexões e traga

* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR; Bacharel em Teologia pela FEPAR; e-mail: clevertonduarte@outlook. Este artigo é parte do trabalho de minha dissertação de mestrado

novas perspectivas da leitura bíblica do quarto Evangelho bem como dos demais escritos joaninos e sinóticos.

PALAVRAS-CHAVE: Hipótese; Quarto Evangelho; Zebedeu; Discípulo amado; Comunidade joanina.

INTRODUÇÃO

Em relação à autoria, data e local da redação do quarto evangelho, existem muitas hipóteses levantadas a fim de tentar sanar a problemática. Essas hipóteses geralmente recorrem aos pais da igreja, as principais testemunhas, mais próximas das testemunhas ocular de Jesus. Outro método de pesquisa muito utilizado, para tentar resolver o problema, é o método de pesquisa através da evidência interna e da evidência externa. Mesmo com acesso a essas ferramentas de pesquisa, ainda assim o texto bíblico é o material mais seguro e concreto a que se tem acesso para dizer alguma coisa.

Konings (2005, p. 16) relata que o acesso a obra joanina começa por aquilo que se encontra mais perto do estudante, ou seja, o próprio texto. Feito isso, somente depois pode-se considerar coisas de menos segurança, como por exemplo

afirmações acerca do autor e seu ambiente. A única forma de supor quem seria o autor e entender seu ambiente, é investigar a problemática a partir daquilo que o próprio texto revela, pois, as indicações fora do texto são limitadas. A intenção aqui, não é esgotar o assunto e sim propor algumas hipóteses com o objetivo de lançar luz ao texto e, desta forma, poder contribuir para futuras pesquisas no estudo do quarto Evangelho. Para tanto serão apresentadas algumas hipóteses acerca de quem possivelmente escreveu a obra.

Na primeira hipótese estão aqueles que acreditam que João, o filho de Zebedeu é o autor. Na segunda hipótese estão aqueles autores que discordam na autoria do filho de Zebedeu ou até mesmo de uma só pessoa. Na terceira hipótese se enquadram aqueles autores que optaram por não apontar um nome para o suposto autor joanino. A seguir será apresentado a respeito da data em que foi escrito o Evangelho de João existem pelo menos duas hipóteses: Na primeira hipótese os autores optam que a obra foi escrita por volta do ano 90-100. Já a na segunda hipótese se enquadram aqueles autores que

acreditam em uma data mais recente, por volta de 70 ou um pouco antes dessa data.

E por fim acerca do local da redação do Evangelho de João existem pelo menos três hipóteses: A primeira acredita na possibilidade do local ser em Éfeso. A segunda hipótese pensa que foi na Palestina e a terceira hipótese estão aqueles autores mais duvidosos. Acreditam que a redação do quarto Evangelho pode ter sido em Alexandria ou Antioquia da Síria ou até mesmo na Galileia.

1. HIPÓTESES ACERCA DA AUTORIA DO QUARTO EVANGELHO

A respeito da autoria do Evangelho de João existem as seguintes hipóteses:

1ª. Hipótese: Nesta primeira hipótese estão aqueles autores de opinião tradicional, geralmente se baseiam na “evidência interna”. Acreditam que o autor do quarto Evangelho foi João, o filho de Zebedeu e Salomé, também conhecido como o “Discípulo Amado”. Acreditam que o sujeito

anônimo citado em Jo 1.35-40, foi João e discípulo de João, o Batista. Este teria sido uma testemunha ocular, pertenceu a um dos três mais chegados de Jesus. A base bíblica utilizada está em Jo 19.35, onde interpretam a afirmativa “aquele que viu testemunhou”, é uma referência para afirmar que João, o filho de Zebedeu é o autor do Evangelho.

O autor foi dono de um barco na Galileia e, por ter funcionários a seu dispor, crê-se que gozava de uma boa posição econômica. Afirmam que a esposa de João foi prima de Isabel e da virgem Maria, que João foi o caçula e seu irmão mais velho foi Tiago. Com base na “evidência interna” e na “evidência externa”, (PAROSCH, 2012, p. 179-188), sugere-se que a autoria não somente pertence ao filho de Zebedeu, como também pode-se afirmar que são os mesmos que Jesus chamou de “os filhos do trovão”, os cognominados “Boanerges”. Acreditam que foi bem próximo a Pedro no início da igreja. Esse Pedro, junto com Tiago e João, foi considerado umas das colunas da igreja em Jerusalém Gl 2.9.

O autor também foi um judeu da Palestina, isto pode ser percebido através do estilo da linguagem utilizada por João que revela seu conhecimento e familiaridade com o Antigo Testamento. Sua habilidade em lidar com o texto hebreu e a Septuaginta, também revelam suas crenças judaicas e samaritanas, a exemplo das referências ao Messias, encontradas em Jo 2.17; 10.34,35; 12.40; 13.18; 17.12; 19.24,28,36, 37; 4.25; 7.27,42; 12.34. As influências do Antigo Testamento também são perceptíveis em algumas partes do Evangelho. Essas influências não estão acima da média; encontram-se fragmentadas por boa parte da obra joanina. O autor conhece muito bem a topografia da região. Seu esclarecimento e detalhes fornecidos da Palestina e Jerusalém talvez seja uma indicação de que o autor do quarto Evangelho poderia ter sido um tipo de bispo na Ásia menor 1.28; 3.23; 4.11,20; 11.54; 12.21.

A influência grega também é uma marca registrada no Evangelho e estão representadas através das palavras arcaicas, carregadas de hebraísmos. Talvez estas palavras já estivessem em desuso na época da composição do Evangelho, porém, tais

expressões arcaicas deixaram rastros que influenciaram o texto atual. Esta hipótese diz, não há dúvida, de que, por trás dos holofotes está a autoridade de João. Uma minoria acredita que a forma atual do Evangelho não saiu das mãos de João. Alguns afirmam que João, o apóstolo, foi o autor do Evangelho, porém não o seu redator. Creem que a influência e a memória do quarto Evangelho pertencem a João, o apóstolo. Ele é o que relembra e dita os acontecimentos que contemplou no passado, porém, por trás desse João há um outro autor, mais precisamente um redator, considerado o que tomou a pena de tinta e escreveu o Evangelho. Esse autor escrivão seria um outro discípulo de João, também chamado de João e “o Ancião”. Este escrevia o que aquele ditava.

Partem do pressuposto de que não há razões para se duvidar da autoria joanina, pois a evidência interna chega carregada com embasamento e junto com as vozes de mais autoridade da tradição. Isto também é apoiada pela cultura crítica e literária de eruditos e peritos nas línguas originais. Afirma-se que João, o apóstolo, é o mesmo “presbítero”, no

sentido mais honroso do vocábulo, ou seja, o autor na visão desta linha de pensamento está explícito, é João, o discípulo amado e apóstolo.

Alguns estudiosos dessas hipóteses parecem um pouco radicais em suas colocações. Afirmam que quem negar a autoria a João, o apóstolo, está dizendo que a espiritualidade do quarto Evangelho é uma falsificação. A expressão “falsificação”, é intencional, serve para polemizar a questão, pois denota que o Evangelho só é o que é, em sua essência e espiritualidade, em vista do autor estar presente na hora dos fatos ocorridos da vida de Jesus. Isto é o que faz a presente obra joanina ter o peso inconfundível da veracidade autoral através da expressão: “aquele que viu testificou” (Jo 19.35).

Na presente hipótese não há como ter dúvidas de que João, o filho de Zebedeu, é o autor do quarto Evangelho, pois suas bases estão na tradição da igreja antiga, as quais confirmam a autoria joanina. A certeza da autoria de João os leva a dizer com exatidão que no dia 18 de setembro do ano 96, o apóstolo João foi libertado da ilha de Patmos. Retornou a

Éfeso e ali escreveu o Evangelho que leva seu nome. Já em idade avançada, com mais ou menos 100 anos de idade, falou suas últimas palavras, ou as únicas que conseguia dizer: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros” (Jo 13.34; 15.12,17).

A evidência interna bem como a evidência externa, trazem boas segurança de que João foi o mesmo discípulo amado, suas mãos estão nos registros ao longo de todo o quarto Evangelho. Por certo, então, João o filho de Zebedeu, é o autor. São da opinião que os demais livros que levam o seu nome também pertencem à sua autoria. As diferenças na linguagem entre o Evangelho e o Apocalipse, não são motivos para desacreditar da autoria de uma só pessoa. Afirmam: “com certeza João é o discípulo do amor”. Nessa mesma linha teológica, alguns teólogos aplicam um processo eliminatório. Nesse processo, os autores analisam cada um dos doze discípulos de Jesus. Começam pelo exemplo de Judas, o homem de “*Querioté*” que, sendo o traidor e suicida, não poderia ser o autor da obra.

Logo após analisam que não poderia ser Pedro, pois o autor do Evangelho reclinou a cabeça no peito de Jesus, nesta ocasião Pedro estava junto, distinguido do discípulo amado, conforme Jo 13.24. Provavelmente também não é nenhum dos quais os nomes estão citados e distinguidos em Jo 13.2; 14.5,8,22. Afirmam sob a base de Mc 14.17, na cena da última ceia, que parece ser certo que o discípulo amado estava presente entre os doze, se de fato estavam ali somente os doze. Também não seria Mateus pois este é associado a outro Evangelho. Desta forma, continuam o processo eliminatório até chegarem em João, o filho de Zebedeu, que acreditam ser o autor do Evangelho. Analisados todos os nomes dos doze, conclui que o autor do Evangelho é provavelmente um dos primeiros discípulos de Cristo, um dos seguidores de João, o Batista.

A comparação dos sinóticos com o Evangelho de João, por exemplo de Jo 1.35-40 e Mc 1.16-20, deixa evidente, pela lista dos nomes dos chamados por Jesus, que um deles é o autor do Evangelho, expresso em Jo 1.40 e 21.2. O autor “sem nome”, no quarto Evangelho em Jo 1.35, é o autor da obra, um dos filhos

de Zebedeu, comparado a Mc 1.19-20, onde surgem Tiago e João pescando, ambos filhos de Zebedeu. Entende-se então que o sujeito anônimo do quarto Evangelho é o próprio João expresso no Evangelho de Marcos. Isto em parte é apoiado por Brown (1999), que afirma que estas características podem ser do discípulo amado exceto que foi o autor do Evangelho.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores:

Taylor (1950, pp. 10.30); Barclay (1958, p. 21-22); Knight e Anglin (1983, p. 10); Hale (1983, pp. 151.157); Bruce (1987, pp. 14.72); Pearlman (1995, p. 235); Tenney (1995, p. 195); *Hörster* (1996, p. 53-54); Gundry (1998, p. 76-77); Brown (1999, p. 33); Hendriksen (2004, p. 35.46); Gorgulho (2005, p. 75-76); Earle e Mayfield (2006, p. 21); Carson (2007, pp. 71.73.76) e Macarthur (2011, p. 5).

2º Hipótese: Na segunda hipótese estão aqueles estudiosos que não aceitam João, o filho de Zebedeu, como o autor e escritor do quarto Evangelho. Não foi uma testemunha ocular e a visão de um só autor é inapropriada, pois não pode ser fruto de uma só pessoa. Acreditam que muitos estavam

envolvidos na construção e formação da obra. Esses moldaram a tradição da identidade e do corpo da comunidade joanina. Alguns autores como Brown (1999) e Konings (2005), consideram que o autor foi o discípulo amado, porém não se pode identificá-lo com o filho de Zebedeu. Outros, dentro desta hipótese, afirmam que ele é alguém de dentro da tradição fundada pelo discípulo amado, talvez um editor conhecido pela sua devoção a Jesus e à comunidade. Foi alguém que teve a responsabilidade de dar continuidade à tradição do evangelista e de editar os escritos joaninos.

Esses escritos foram frutos das lembranças da comunidade acerca de Jesus, lembranças que não deveriam ser esquecidas. Por trás dos holofotes desse Evangelho brilha a luz de toda uma comunidade em desenvolvimento, que, com o tempo, veio formar a sua identidade peculiar. Esta figura misteriosa do “discípulo amado”, também pode ser apenas um discípulo de Jesus ou uma informação que representa toda uma comunidade. Alguém que seja uma figura paradigmática de cada crente da comunidade, isto “enquanto amigos de Jesus”.

Esses amigos são aqueles que experimentaram o amor incondicional de Jesus e a Ele corresponderam (CASALEGNO, 2009, p. 102-103). A comunidade tem o Evangelho como uma herança recebida da real testemunha ocular, ela é quem dá testemunho do discípulo amado e apresenta a veracidade dos fatos do evangelista Jo 1.19; 21.24.

Não veem na figura do filho de Zebedeu uma opção convincente para afirmar que ele foi o autor. Observam, em Mc 10.39, uma possibilidade de negarem a autoria do filho de Zebedeu. Neste versículo percebe-se que João e Tiago sofreriam o martírio, já em Jo 21.20-23, não se refere ao irmão de Tiago e sim ao “Discípulo amado”, o qual não morreria como mártir, como foi o caso de Pedro. Como então seria João o mártir, autor do quarto Evangelho, sendo que morreu antes da obra escrita e não com a mesma morte que havia sido profetizada? Como expressa João “que tipo de morte havia de glorificar a Deus” (Jo 21.19).

Brown (1999) e Perkins (2011) se expressam da seguinte forma: O João do capítulo 21, por certo não é o Discípulo

amado. Não há intenção aqui de identificar este discípulo com o Filho de Zebedeu. O texto de João 21.2, se refere aos filhos de Zebedeu, já nos capítulos 21.7-20, é uma identificação do “Discípulo amado”. Percebem que há uma intenção no quarto Evangelho de isolar o discípulo amado do meio dos doze “apóstolos”. Isto é uma forma clara de identificar que o discípulo amado não é a mesma figura do Filho de Zebedeu. Mesmo parecendo não acreditar na autoria de João, o filho de Zebedeu, relatam que não é necessário “debilitar o aspecto básico ressaltado pela reafirmação da autoria apostólica” (PERKINS, 2011, p. 740).

Nesta hipótese, o autor joanino pode ser detectado através do conteúdo da obra. Ele é alguém que se considera herdeiro de uma continuidade testemunhal dentro da tradição do discípulo amado por Jesus. Possivelmente existiu um editor, e esse editor personagem pode ser localizado no fluxo da mesma tradição dando continuidade. Crê-se que provavelmente houve uma escola de discípulos amados que escreviam e reeditavam os escritos joaninos. Há uma pequena

diferença de ideias acerca do número de autores. Alguns teólogos como Brown (1999) são da opinião que houve pelo menos dois escritores joaninos, o evangelista e o redator.

Este redator possivelmente foi um membro da escola joanina de escritores. Poderia ter sido uma testemunha ocular do “discípulo amado”, que foi o evangelista e testemunha ocular de Jesus. Com o passar do tempo e com a morte do “discípulo amado”, bem como, do primeiro redator, a escola de discípulos foi transmitindo o legado a outros redatores. Tinham a responsabilidade de manter vivas as memórias do “discípulo amado” dentro da comunidade joanina através de uma linhagem de redatores. Esses redatores tiveram a responsabilidade de manter a tradição joanina que fez parte da vida diária de toda a comunidade. Como expresso por Jaubert (1982), a autoria pode ter sido de vários autores resultantes de uma “escola joanina”, de discípulos seguidores do “discípulo amado”, os quais possivelmente foram mestres dentro da comunidade joanina (JAUBERT, 1982, p. 15).

Acerca disso expressa Brown (2002, p. 444-445):

Autor detectable por el contenido: Alguien que se considera a sí mismo dentro de la tradición del Discípulo amado por Jesús. Si se acepta la existencia de un redactor, éste puede hallarse en el flujo de la misma tradición. Probablemente existía una escuela de discípulos que redactaba los escritos joánicos.

Há os que pensam que a comunidade teve um representante principal, “o evangelista”, que foi responsável em manter a continuidade do “discípulo amado”. Logo após a morte do “evangelista”, o “redator” ficou responsável em manter a tradição de continuidade. Pelo contexto da obra joanina, Brown (1999) acredita que esse “discípulo amado” foi um estranho ao grupo dos doze discípulos. Já os doze foram muito conhecidos. No pensamento de Brown (1999), foi o grupo dos “doze discípulos”, que incluiu o filho de Zebedeu com eles, conforme At 3.1;4.13;18.14. A identificação do “discípulo amado”, com o filho de Zebedeu é mais tardia e é datada do final da segunda parte do século II.

A opinião mais aceita nesse segundo ponto, é que esse autor foi um dos primeiros discípulos de João, o Batista, e se

tornou um seguidor de Jesus, possivelmente na Judéia. Esteve ao lado de Jesus nos seus últimos dias de vida em Jerusalém. Em vista de sua devoção e fidelidade, foi conhecido como o “discípulo a quem Jesus amava”. Por causa do exemplo que se tornou para a comunidade cristã, foi fundada por seus seguidores, em homenagem ao seu nome, a comunidade do discípulo amado e uma escola desse discípulo.

Brown (1999) define sua ideia da possibilidade de quem seria o discípulo amado e a origem da comunidade fundada em seu nome. Percebe-se que o autor se restringe a afirmar a certeza acerca de quem é o autor do quarto Evangelho. O que parece mais provável é que há uma suspeita de que o “amado”, já estava morto na época da composição da obra. O autor do Evangelho seria um dos discípulos que serviu ao “discípulo amado” e que conquistou grande nome na comunidade. Este relembra os relatos do discípulo amado e os escreve junto com a comunidade, no ano 90. Seria ele o “Ancião, o Presbítero?”.

Vale salientar que Brown (1999) muda de opinião referente ao seu primeiro comentário acerca do quarto Evangelho. Sob a base da evidência interna e externa, havia afirmado que o discípulo amado foi uma testemunha ocular pertencente aos doze, o mesmo João filho de Zebedeu. No seu segundo comentário, “A comunidade do discípulo Amado”, o autor percebe a deficiência em harmonizar ambas as evidências e muda de opinião na questão de quem seria o autor. No pensamento do autor, a tendência da evidência externa do século II, que afirmava ter sido João, o filho de Zebedeu, seria apenas um meio que encontraram de simplificar a problemática das origens cristãs, preferindo incluir o filho de Zebedeu entre os doze discípulos. Dessa forma, evitariam muitas polêmicas.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Robinson (1976, p. 243); Bortolini (1994, p. 7); Carson, Moo e Morris (1997, p. 171); Brown (1999, pp. 19.35); Mateos e Barreto (1999, p. 17. 913-914); Brown (2002, p. 444-445); Casalegno (2009, p. 102-103.113) e Perkins (2011. p. 739-740).

3º Hipótese: Nesta terceira hipótese se enquadram aqueles autores que optaram por não apontar um nome para o suposto autor joanino. Demonstram dúvidas acerca de quem poderia ser o autor e, em vista disso, optam pela neutralidade. Nessa visão deve-se respeitar a preferência do anonimato do autor do quarto Evangelho. Por certo, ele quis que fosse dessa maneira.

Demonstram dúvidas se o escritor do quarto Evangelho foi verdadeiramente uma testemunha ocular do ministério de Jesus. Mesmo que o texto transpareça que a obra tenha sido de uma testemunha ocular, em vista da expressão “Aquele que isto viu, testificou” (Jo 19.35), porém isso não é uma prova clara de que o autor estava presente. Este versículo pode indicar tanto uma autoria de uma testemunha ocular como também alguém em quem ele se baseou, o qual viu e testificou: “Este é o discípulo que testifica destas coisas e as escreveu” (Jo 21.24). Esse versículo também pode indicar o modo em que o autor tomou seu testemunho como base para a

escrita, a expressão “dá testemunho”, pode estar querendo indicar uma notícia de primeira mão.

Os detalhes fornecidos pelo autor dão a entender que foi um estudioso judeu da Palestina e talvez um tipo de bispo na Ásia menor. O conhecimento das crenças judaica, por exemplo, da Páscoa, da Festa dos Tabernáculos e da Festa da Dedicção, reforçam a ideia de o autor ser um judeu. O escritor está familiarizado com os acontecimentos da região e conhece muito bem a topografia da época, fatos comprovados através dos seguintes versículos 1.28; 3.23; 4.11, 20; 11.54; 12.21.

Outra prova de que o autor joanino foi um judeu é visto através do estilo da linguagem utilizada pelo autor. Essa linguagem revela o seu conhecimento e familiaridade com o Antigo Testamento. A habilidade em lidar com o texto hebreu e a Septuaginta e o modo como aborda as crenças judaicas e samaritanas, também revelam sua origem judaica, por exemplo, as referências acerca do Messias, encontradas em 2.17; 10.34,35; 12.40; 13.18; 17.12; 19.24,28,36,37; 4.25; 7.27,42; 12.34.

Outra questão se refere às raízes por trás da escrita helênica que revela sua influência de origem. O conteúdo da obra deixa respingar o conhecimento do autor acerca dos costumes judaicos. Isso pode ser perceptível através do grego do Evangelho, nas palavras arcaicas carregadas de hebraísmos, talvez em desuso na época da composição do Evangelho. Fato é que essas expressões arcaicas deixaram rastros de suas origens que influenciaram o texto atual.

São levados em consideração o fato de o quarto Evangelho ter sido escrito depois dos anos 80. Entende-se que, com a destruição de Jerusalém em 70, a cidade poderia ter ficado irreconhecível. Isso impossibilitaria determinar alguma localização exata, até mesmo para um judeu familiarizado com seu ambiente topográfico. Mais difícil ainda seria para um cidadão de fora das cercanias de Israel determinar alguma localidade.

A ideia que se tem seria então de que, somente um judeu familiarizado com toda a topografia de Israel poderia apresentar detalhes tão exatos da região pós-destruição de

Jerusalém no ano 70. Pelo fato de João citar em seu Evangelho passagens do Antigo Testamento, para apontar certas localizações, é evidente que o autor não dependeu da Septuaginta. Isso somente seria possível se o autor joanino estivesse familiarizado com o hebraico original. Sendo assim, poderia se localizar na topografia da região através do texto original.

O autor vive em um mundo “helênico” e escreve em grego, porém, está claro que o autor do quarto Evangelho pensa em hebraico. No decorrer do texto, o autor sente a necessidade de traduzir certas expressões comuns a qualquer judeu, por exemplo as expressões “Rabi” e “Messias”. Talvez a reposita da simplicidade e dificuldade do autor em não ser profundo na gramática grega, signifique realmente que o autor não era natural da região da escrita do Evangelho. Isso pode ser também uma indicação que, no período da redação final do Evangelho, já havia na comunidade um grande número de pessoas de origem não judaica, pessoas não familiarizadas com

certos termos da fé judaica. Isto explicaria a necessidade de traduzir palavras tão comuns para a época.

A escrita grega do autor, mesmo sendo limitada, com um número reduzido de palavras em seu vocabulário e com sentenças simples, contudo não contém erros. Não é preciso muito esforço na leitura para perceber no texto grego um fundo fortemente semítico. Isto é resultado de alguém que está enraizado em um contexto de fala grega. Ainda que o autor pense em seu idioma de origem, “hebraico e aramaico”, o escritor é João, o judeu da Palestina, que pensa em aramaico e escreve sua obra em grego.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Barclay (1958); Hale (1983, pp. 103.253); Bruce (1987, p. 13); Fabris e Maggioni (1992, p. 263); Tenney (1995, p. 194); Höster (1996, p. 43-44); Hendriksen (2004, p. 32); Konings (2005, p. 30-32); Earle e Mayfield (2006, p. 21); Bultmann (2008, p. 438) e Beutler (2015, p. 31).

2. HIPÓTESES ACERCA DA DATA EM QUE FOI ESCRITO DO QUARTO EVANGELHO

Datar uma obra sem acesso ao primeiro texto manuscrito, sempre será tomada uma posição no campo das possibilidades, como é o caso do quarto Evangelho. Não se tem conhecimento acerca do primeiro autógrafo para se precipitar em qualquer afirmação, tanto no quesito autoral como sobre a data. Por isso, recorre-se então à crítica textual e aos materiais encontrados até o momento. O processo de datação utilizado é um pouco mais trabalhoso. Faz-se necessário analisar alguns papiros, materiais mais antigos, a exemplo dos Papiros 52, datado do ano 125, o papiro 66, início do século III e o papiro 75 (\pm 200 d.C.) (MAZZAROLO, 2000, p. 26).

Antes de pensar em uma possível datação do Evangelho, deve-se levar em consideração que João não escreveu no momento dos acontecimentos. A história gera a escrita e não ao contrário. A escrita sempre será um registro do que se passou para que, dessa forma, se torne história, ainda que o tempo seja muito próximo. Tenney (1995, p. 24) elabora um sumário, demonstrando as diferenças entre as datas em que

foram escritos os textos do Novo Testamento e o período no que diz respeito aos acontecimentos. O autor percebe que o Evangelho joanino, bem como os demais livros do Novo Testamento, está classificado como texto anacrônico.

Em relação ao texto grego do quarto Evangelho, a construção gramatical da obra joanina quase sempre está no tempo presente e fixando-se em alguma parte na história. É uma mistura de acontecimentos no passado e o que se vivencia no presente. Suas palavras como referência ao passado superabundam mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento (CARSON, 2007, p. 82).

Acerca da data, muitos autores divergem desde antes da destruição de Jerusalém, na primeira invasão romana, até à segunda invasão romana, mais ou menos no ano 140, ou um pouco mais além dessa data. A respeito da data em que foi escrito o Evangelho de João existem pelo menos duas hipóteses:

1º Hipótese: Nesta primeira hipótese estão aqueles autores que acreditam que o quarto Evangelho foi escrito por volta dos anos 90-100. Pelo menos sua última redação marca o

final do século I. Nessa data destacam-se as ênfases das forças gnósticas, um seguimento religioso e filosófico proeminente nesse período.

Brown (1999) leva em consideração um período que ele mesmo denomina de período pré-evangélico, tempo em que se deu a formação joanina. O estudioso data esse período entre os anos 50 a 80, porém, os anos 90 é o período mais aceito para a redação final da obra. Nessa hipótese, alguns autores utilizam como base alguns versículos que relatam acerca da violência e da expulsão dos cristãos das sinagogas, por exemplo, Jo 9.22 e 16.2. Pode-se supor que o Evangelho não tenha sido escrito antes dos anos 90, pois a expulsão “definitiva”, das sinagogas aconteceu por volta de 90 a 100, com pequenas variações de datas entre os exegetas. Sustentam que estes versículos que relatam as expulsões não pertencem à época de Jesus, nem apostólica e nem muito menos para o ano da destruição do Templo em 70. Talvez essas perseguições perpassem toda a história joanina, porém, as expulsões definitivas das sinagogas

e as mortes em nome de Deus em Jo 16.2, foram somente após o concílio de *Jâmnia*.

Esse concílio, datado por volta do final do século I e início do século II, ao que parece, foi liderado pelo rabino Yochanan ben Zakai, que visou a elaborar e apontar uma direção para o judaísmo pós-destruição do Templo. Os versículos que apontam essas expulsões das sinagogas refletem o último quartel do século I. O judaísmo de *Jâmnia*, que foi, em certo ponto, pluralístico antes da destruição de Jerusalém, após a destruição passa a ser um judaísmo farisaico radical. É confirmado por Brown (1999) que a reformulação do ano 85-90 em *Jâmnia* é o momento em que se concretiza a expulsão das sinagogas e o período da redação final do quarto Evangelho.

Perkins (2011, p. 738) falando acerca do acréscimo da décima segunda “bênção”, das dezoito bênçãos da religião judaica, que na verdade foi uma “maldição” acrescentada contra os hereges, o “*Birkat Hammynym* - Heb. *הַמִּינִים בְּרַכָּה*”, os desviados judeus e todos os que aderiram especialmente ao

movimento de Jesus, refletem o contexto de Jo 16.2, acerca das perseguições do ano 90.

Não havia mais somente afastamentos das sinagogas. Agora, de uma vez por todas, os hereges serão expulsos das sinagogas e excluídos das comunidades judias. A perseguição ainda continua, mesmo após a expulsão. Depois de excluídos, os hereges podem ser denunciados às autoridades romanas, por crime contra o estado e a religião judaico-romana. Esta fase marcaria a conclusão do Evangelho joanino em um contexto de muitas violências e mortes em nome de Deus.

Alguns são da opinião de que a maldição contra os hereges foi um dos motivos pelos quais se deu a composição do quarto Evangelho. Tal obra serviria para encorajar os cristãos judeus expulsos das sinagogas, para assim permanecerem firmes na fé. Gundry (1998) relata que o Evangelho joanino parece ter tido um público alvo considerável, diferente dos livros de Mateus, Hebreus e Tiago, que parecem ser dirigidos para um público mais reduzido.

Bultmann (2008) relata que os versículos que retratam as expulsões das sinagogas geralmente mostram uma comunidade que “já”, estava excluída das sinagogas. O autor está vislumbrando o presente e transportando-o ao passado o que já havia ocorrido. Uma das principais razões da expulsão foram os conflitos judaicos contra os seguidores do movimento de Jesus que afirmavam ser Jesus “Deus” do mesmo modo que o Pai.

Acredita-se que a datação da obra apocalíptica ajudou a definir a data da composição do Evangelho. É comum pensar que o Apocalipse deva ser datado da época de Domiciano, no ano 96 e não muito distante dessa data, aproximadamente uns seis anos após o término do quarto Evangelho. Nessa opinião, o Evangelho foi escrito próximo do final do primeiro século, pois o papiro 52, de Rylands, em meados de 125, retrocedeu a data em pelo menos “cem anos”. Muitos estudiosos que acreditavam em um período mais tardio, para o fim do século II, terão que considerar uma nova data para antes de 125.

Alguns demonstram dúvidas em qual parte do primeiro século foi escrita a obra joanina. Uma pequena variação entre 90 e 100 é aceitável. Reprovam a ideia de alguns comentaristas do Evangelho joanino, os quais afirmam que João já conhecia o Evangelho de Lucas e, por isso, o tomou como base para sua escrita. A ideia é que João foge para Éfeso um pouco antes de 70, data que marca a destruição de Jerusalém. Outros desta hipótese reprovam a ideia de que o autor joanino não conhecia o Evangelho de Lucas. Alguns desses estudiosos atestam que o autor joanino não só conhecia Lucas como também os outros sinóticos. Acreditam que a composição do Evangelho foi entre 80-90, aproximadamente cinquenta anos após presenciar a vida de Jesus.

Ainda, quanto à dependência literária de João em relação a Lucas, alguns poucos apoiadores dessa hipótese acreditam que seria improvável, pois a concordância feita pelos estudiosos que acreditam nessa dependência lucana, estão baseadas em passagens isoladas. Tais passagens apenas demonstram que ambos os autores usaram a mesma fonte. Não

existem provas concretas de ter havido dependência ou não do quarto Evangelho quanto aos sinóticos, em especial Lucas. O pensamento é de João ter tido como base inicial o “livro dos sinais”, porém, posteriormente, outro redator joanino, que pensava como Lucas, recompôs a obra dentro de outro estilo com base em Lucas. A razão seria pelo fato da comunidade lucana ter enfrentado os mesmos problemas que a comunidade joanina enfrentou, em relação aos judeus e a comunidade judaica (MAZZAROLO, 2000, pp. 21.23-24.42).

Alguns autores dessa hipótese chamam a atenção para o fato de João não relatar o ministério de Jesus na Galileia. Estranham a omissão de algumas parábolas. Todavia isso seria intencional, pois, o autor joanino deseja transmitir ao público novas informações, evitando, desta maneira, informações corriqueiras ou repetidas que os sinóticos já continham. Em vista do quarto Evangelho ser mais tardio que os outros três, alguns acreditam em uma dependência parcial dos sinóticos, ou seja, na dependência joanina de, ao menos, um Evangelho.

Já outros acreditam que João não só conheceu como também leu todos os sinóticos.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Lohse (1980, p. 196-197); Knight e Anglin (1983, p. 10); Tenney (1995, p. 205); Pearlman (1995, p. 236); Hörster (1996, p. 56); Carson, Moo e Morris (1997, p. 188-189); Gundry (1998, p. 80-81); Brown (1999, pp. 20-21.61); MacArthur (2001, p. 5); Mazzarolo (2002, p. 28); Keener (2004, p. 270); Gorgulho (2005, p. 76-77); Konings (2005, p. 32); Bloom (2006, p. 99); Carson (2007, pp. 25.84); Richards (2008, p. 192); Bultmann (2008, p. 433); Casalegno, 2009, p. 41-43); Lopes (2010, p. 17); Perkins (2011, pp. 738.744); Macarthur (2011, p. 5); Beutler (2015, p. 32) e Bortolini (2015, pp. 9.11.12).

2º Hipótese: Na presente hipótese se enquadram aqueles autores que acreditam em uma data mais recente, ou seja, antes de 70. Analisam o silêncio joanino acerca do episódio da destruição do Templo de Jerusalém. Esse silêncio seria intencional ou indica que a data da composição do Evangelho se deu antes de 70? Preferem pensar que não há necessidade

de datar o Evangelho no final do século I, pois o que se tem são suposições de datas. Algumas dessas hipóteses evidenciam que não é seguro e nem viável basear a datação da obra somente pelas referências às expulsões das sinagogas. As referências em Jo 9.22; 12.42; 16.2, e em particular a declaração em 9.22, seriam apenas uma expulsão formal dos cristãos das sinagogas.

A maldição contra os hereges que refletem os anos 85-90 é uma referência precária para se afirmar que a obra pertença ao final do século I. A ideia seria de que o texto da “Benção” que incluía a maldição contra os hereges sofreu muitas modificações, a tal ponto que a forma original não pode ser estabelecida com certeza, pois está longe de ser precisa. Também tais alusões não possuem nenhuma referência específica à excomunhão das sinagogas. Em vista disso, não há necessidade de se firmar uma data mais tardia, pois o Evangelho joanino é um texto anacrônico. Não há nada que prove ou pressuponha que o Templo já estivesse destruído e que a cidade de Jerusalém estivesse em ruínas.

A solução encontrada nessa hipótese seria supor que a origem do Evangelho é anterior a 70, porém sua composição e publicação final se deram somente próximo à morte de João, já residente em Éfeso. Alguns são da opinião de que o acréscimo no apêndice em Jo 21.24, foi inserido para fins de legitimar o testemunho que veio das mãos de João “o discípulo a quem Jesus amava”, o filho de Zebedeu. Esse acréscimo marcou a apresentação pública do discípulo amado na cidade de Éfeso.

A referência de Jo 21.24, é uma espécie de assinatura que carimba a obra como da autoria de João, porém o material principal seria datado ainda antes de 70. Essa hipótese acredita que a razão de alguns elementos ou anacronismos perceptíveis no Evangelho somente confirmam que haja boas razões para se supor uma data anterior a 70. Muitos ainda vão mais longe e propõem próxima aos anos de 60.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Robinson (1976, pp. 245.248); Hale (1983, p. 159); Carson (2007, p. 83) e Gorgulho (2005, p. 76-77).

3. LOCAL DA REDAÇÃO DO QUARTO EVANGELHO

Tomando como ponto de partida os anos 66, sabendo que nessa época os fariseus ainda tinham força política e influência na sociedade, por isso mesmo, ainda controlavam as sinagogas e quase todo o ensino à população judaica. Com os inúmeros embates com os romanos, muitos resistentes foram dizimados, tanto cristãos judeus como os zelotes e saduceus. No entanto, um grupo de fariseus conseguiu sobreviver de forma organizada, aos ataques romanos, o grupo de Jâmnia. Embora isto não necessariamente se deva ao fato de serem somente mais inteligentes a ponto de não resistirem à invasão romana, mais assim como pensa Hale (1983), talvez por serem bem relacionados com autoridades romanas e abastados financeiramente (HALE, 1983, p. 16).

Depois da perseguição do ano 70, pelo general Tito, os judeus “fariseus não resistentes” e seguidores da Lei não receberam muito bem em suas sinagogas locais seus irmãos judeu-cristãos. A partir da destruição do Templo, as autoridades judaicas viram os cristãos como os responsáveis

por tamanho desastre. Cogitou-se se tais crenças que o movimento de Jesus apregoava, a saber, Jesus como Messias, e rei, não seria uma das razões de os judeus serem vistos como suspeitos pelas autoridades romanas e das maldições sofridas pelo Império.

Os fariseus estavam cada vez mais inseguros em razão dos ataques romanos em Jerusalém. Acerca da invasão de 70, os receios da ameaça dos romanos ainda lhes causavam muitos tremores. Muitos de sua origem não foram poupados por Roma. Inseguros, um grupo de fariseus migrou para *Jâmnia* e ali iniciou o trabalho de rever e organizar a escrita da tradição dos pais (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 265).

Nesse trabalho de reescrita da Lei, foi elaborado uma espécie de codificação da Lei de Deus, a “*torá*”, que durou desde logo após a destruição de Jerusalém até meados de 200. Essa codificação foi denominada de “*mishnáh*”. Baseado nessa obra foi elaborado um comentário que chamaram de “*gemarah*”. A união dessas duas obras “*mishnáh* e *gemarah*”, originou o chamado “*Talmud*”, (HALE, 1983, p. 17).

Hale (1983, p. 17) relata que o *Talmud* foi publicado em duas etapas: a primeira edição foi denominada de “*Talmud Palestino*”, que obteve sua conclusão final somente no quarto século e ainda demonstrava notas passíveis de correções. A segunda edição foi denominada “*Talmud Babilônico*”, que foi mais bem organizado e mais completo e veio a ter sua forma concluída somente em meados do quinto século.

Já residentes em *Jâmnia*, sendo, portando, os cristãos rejeitados pelos judeus “fariseus”, a perseguição começa a se intensificar. Já não havia mais tolerância nas sinagogas para com os cristãos, “[...] se tornou evidente que o cristianismo e o judaísmo se haviam definitivamente separados, com nenhuma esperança de reconciliação” (HALE, 1983, p. 20). Embora os cristãos, tivessem sido expulsos das sinagogas, isto não lhes bastava. Muitos estavam sendo mortos, o que resultou em uma fuga dos cristãos para a Diáspora. Muitos se estabeleceram em Éfeso, local mais aceito para a composição da obra joanina.

4. HIPÓTESES A RESPEITO DO LOCAL DA REDAÇÃO DO EVANGELHO DE JOÃO

1º Hipótese do local da redação do Evangelho de João:

Ainda que o local da composição do Evangelho seja motivo de muitas discussões entre acadêmicos e teólogos, a grande maioria acredita que provavelmente a obra tenha sido escrita em Éfeso ou em algum lugar da Ásia Menor. A tradição é quase unânime. Mesmo João sendo natural da Palestina, possivelmente após a expulsão das sinagogas, tenham migrado para Éfeso, local onde João viveu seus últimos dias de vida.

A literatura da antiga patrística afirma que João foi morador de Éfeso em sua velhice. Jerônimo também confirma que o autor, já em idade avançada, era transportado de igreja em igreja por seus fiéis seguidores. Com sua voz quase inaudível, o que conseguia falar era somente “filhinhos amai-vos uns aos outros”.

Em alguns textos do Novo Testamento, João não aparece em cena. Há pelo menos nove referências ao apóstolo João em Atos. Logo após, João sai de cena. Earle e Mayfield

relatam que a razão seria em vista do destaque de Pedro, o apóstolo (EARLE; MAYFIELD, 2006, p. 21-22). Paulo faz uma referência acerca das colunas da igreja em Jerusalém, Tiago, Cefas e João, conforme Gl 2.9. No livro do Apocalipse aparecem as últimas referências a João. Essas referências são as bases para alguns teólogos acreditarem e atribuírem a autoria de ambas as obras a João.

É perceptível, no Evangelho, que o autor escreve em fronteiras gentílicas. Se fosse em ambiente judaico, como já mencionado, não haveria a necessidade da explicação de termos tão comuns a qualquer judeu, a exemplo das ênfases em explicar as festas e cerimônias judaicas, bem como interpretar expressões tão simples como “rabi que quer dizer Mestre” (Jo 1.38). O testemunho da igreja primitiva, acerca do Evangelho ter sido escrito em Éfeso, na Ásia Menor, torna-se incontestável na medida em que se apoie sobre o peso do testemunho de Irineu. A probabilidade de ser escrito em Éfeso ganha ainda mais força quando se observa o movimento montanista. Esse se estabilizou nas regiões da Frígia. É constatado que os

montanistas fizeram várias referências ao quarto Evangelho, utilizando-o como apologia para seus ensinamentos doutrinários.

Brown (2002, p. 996) relata que, semelhantemente ao Evangelho, a obra da revelação é dirigida às igrejas da zona Ocidental da Ásia menor, ideia também atestada por Euzébio de Cesareia (2000) em seus escritos “História Eclesiástica”.

Domiciano governou durante quinze anos. Sucedeu-lhe no poder Nerva. Foram abolidos os títulos honoríficos de Domiciano; o Senado romano decretou que retornassem do exílio os que foram injustamente banidos por ele e seus bens lhes fossem restituídos. Assim contam os que transmitiram por escrito os acontecimentos desta época. Então também o apóstolo João saiu do exílio na ilha e retomou seu modo de viver em Éfeso, conforme transmitiram nossos anciãos (EUZÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p. 8-9).

Os testemunhos de Irineu e Jerônimo asseguram que o autor e os outros discípulos, deixaram a Palestina e se mudaram para a Ásia Menor. João, fugindo da perseguição de 70, viveu vários anos em Éfeso, em alguma época durante o reinado de Domiciano, entre os anos de 81 a 96, onde escreveu o

Evangelho. Esses testemunhos afirmam que João morreu ali mesmo, um pouco mais tarde.

Brown (1999) salienta que Éfeso é o local em que se fixou a comunidade Joanina. Afirma que o Evangelho foi escrito em alguma região da Ásia Menor, aproximadamente entre os anos 90 a 100, no tempo de Domiciano. Essa ideia parece concordar com Euzébio, que também aponta Éfeso como o local da composição do quarto Evangelho. Euzébio relata que o corpo de João repousa ali. Esse é o mesmo que reclinou a cabeça no peito de Jesus. acerca disso Brown (1999) discorda. Foi sacerdote e usou a lâmina de ouro, chamada de "*pétalon*" e seu corpo repousa em Éfeso. Quanto à localidade da escrita da obra em Éfeso, Brown (1999) concorda, porém, difere na questão de ser o mesmo João.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Taylor (1950, p. 24); Knight; Anglin (1983, p. 10); Hale (1983, p. 159-160); Brown (1986, p. 23-24); Bortolini (1994, p. 7); Tenney (1995, p. 1987); Carson, Moo e Morris (1997, p. 179); Gundry (1998, p. 76); Brown (1999, pp. 67.69); Mazzarolo (2000, p. 28); Brown

(2002, p. 996); Hendriksen (2004, p. 47-48); Gorgulho (2005, p. 32); Konings (2005, p. 32); Earle; Myfield (2006, p. 22); (Eus., Hist. Eccl., III, 31, 3); Carson (2007, p. 87); Casalegno, 2009, p. 43); Macarthur (2011, p. 4); Perkins (2011, p. 739); Beutler (2015, pp. 31.33) e Beutler (2016, p. 28).

2º Hipótese do local da redação do Evangelho de João:

Nesta hipótese estão aqueles autores que atribuem a localização da composição do quarto Evangelho à região da Palestina. A questão dos detalhes do autor a respeito do domínio do conhecimento da topografia da Palestina, bem como, sua cultura e religião judaica, parece indicar que foi escrito nessa região. O Evangelho joanino deixa transparecer um pano de fundo de uma origem mais remota. Demonstra que a sua essência está no judeu-cristão com tons da Palestina, talvez especificamente de Jerusalém e às vezes tendendo mais para a Galileia.

Leve-se em consideração a afirmativa de Konings (2005), de que o cristianismo (Sic) tem suas raízes no judaísmo cristão. É interessante observar que os sinóticos dão ênfase às

obras de Jesus nas redondezas da Galileia e, de modo abreviado, na Judéia e Peréia. Já o Evangelho de João se concentra especialmente na Judéia e Peréia e não há uma preocupação em detalhar a cronologia de Jesus.

As referências dos relatos das festas judaicas em Jerusalém e eventos nos arredores, nos são conhecidos graças ao quarto Evangelho. Através do quarto Evangelho é possível conhecer muitos locais e detalhes da Palestina e isso mais do que documentam até mesmo os sinóticos, como exemplificado nos versículos que se seguem, Jo 2.1,13; 3.22; 3.2,4-6; 5.1; 6.1; 7.1,10; 10.40;11.7,54; 12.1,12, (CASALEGNO, 2009, p. 60-61).

Boa parte dessa hipótese se concentra nas ênfases que o texto bíblico faz a Jerusalém, Peréia e Galileia. Essas ênfases poderiam ser uma indicação de que, mesmo o autor joanino compondo o quarto Evangelho em Éfeso, estaria dizendo, através destas ênfases, que sua origem e influência foram realmente a Palestina? Conforme a hipótese presente, essas localidades são uma forma de afirmar que o Filho de Zebedeu

é o autor do Evangelho, que migrou para Éfeso após a perseguição de 70, para compor o Evangelho.

Os que assim pensam são da opinião de que o evangelista utilizou fontes orais e originais que em sua maior parte não se ligam aos sinóticos. Em vista disso, creem na evidência de que o local foi um ambiente palestino. Isto pode ser uma tentativa de devotar a autoria a João, o filho de Zebedeu, o mesmo que foi contado com os doze.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Hale (1983, p. 165); Pearlman (1995, p. 238); Höster (1996, p. 8.42); Gundry (1998, p. 78) e Carson (2007, p. 87).

3º Hipótese do local da redação do Evangelho de João:

Nesta terceira hipótese estão aqueles autores com menos certeza sobre o local da escrita. Acreditam que a redação do quarto Evangelho pode ter sido em Alexandria ou Antioquia da Síria ou até mesmo na Galileia. Pensam que, mesmo com tantas evidências e da possibilidade de o local ser Éfeso, a descoberta

do papiro 52, encontrado no Egito, colocou a segurança de Éfeso em dúvida.

Autores, a exemplo de Beutler (2016), transparece uma tendência em acreditar que o Evangelho tenha sido escrito em Alexandria ou Antioquia. Alexandria, pelo fato de João ter amizade e grande estima por Filo de Alexandria. Porém, autores como Carson (2007) acham que esse pensamento é um pouco exagerado.

Algumas dessas hipóteses também sugerem Antioquia, pela razão de o Evangelho joanino ter algumas semelhanças com as “odes de Salomão siríacas” e pelo fato de os últimos achados arqueológicos apontarem para a mesma região de origem do Evangelho. No entanto, Keener (2004) não descarta a possibilidade do local ser na Galileia.

Esta hipótese é adotada pelos seguintes autores: Lohse (1980, p. 196-197); Keener (2004, p. 270) e Beutler (2016, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses apresentadas por Brown (1999), acerca da autoria, data e local da redação do quarto Evangelho, parece ser bem aceita entre os estudiosos modernos. Acerca da autoria, embora se perceba que o anonimato do discípulo amado seja um mistério, mesmo assim pode-se suspeitá-lo. Este discípulo possivelmente tenha sido um dos primeiros seguidores de João, o Batista, e tinha uma boa posição social. Foi um pescador abastado, teve funcionários ao seu dispor, era próximo ao sumo sacerdote. Entusiasmado por saber quem era Jesus, O conhece na Judeia, abandona o Batista, passando a seguir a Jesus.

Esse discípulo amado possivelmente não tenha sido um apóstolo contado com os doze. De início, foi alguém desconhecido, pertenceu ao antigo grupo de João, o Batista. O título “o discípulo a quem Jesus amava”, foi-lhe atribuído em vista de sua devoção e fidelidade a Jesus. Mesmo não pertencendo aos doze, ele estava sempre presente com seu Mestre, nunca “O” abandonou. Na crucificação, foi até ao fim, seguindo Jesus e, após a morte de seu Mestre, continuou fiel a

Ele. A evolução cristológica deste discípulo foi tão expressiva que Brown (1999) escreve que: “foi este crescimento que tornou possível a comunidade identificá-lo como aquele que Jesus amava de maneira particular” (BROWN, 1999, p. 34).

Tanto a comunidade do discípulo amado como a escola desse discípulo, foram fundadas por seus seguidores, que o admiravam, devido ao exemplo que se tornou para toda a comunidade cristã. À semelhança de Brown (1999), creio que o autor não é João, o filho de Zebedeu, nem o autor do quarto Evangelho. Neste artigo aceita-se a hipótese de que o autor do Evangelho não pode se limitar a um autor e sim que a autoria foi de toda a comunidade do discípulo amado. A construção da obra se deu através da tradição oral compartilhada entre os irmãos da comunidade. De início, havia testemunhas oculares, contemporâneos de Jesus, porém, com o passar do tempo, nos anos 90, todas essas testemunhas oculares já estavam mortas, menos um, o único representante direto do grupo de Jesus, que havia testemunhado de perto a vida de seu Mestre. Ainda há dúvidas se este discípulo é o original discípulo amado, ou se foi

um dos representantes desse discípulo e da comunidade do amado. (BROWN, 2002, p. 444-445).

Acredita-se que este discípulo, no ano 90, foi a mente que relembrou os fatos da época de Jesus. Porém, devido à sua idade, é outro discípulo que escreve o Evangelho, alguém de sua confiança, talvez João, o “Ancião”. Como já abordado no texto, o único discípulo vivo, representante da primeira comunidade do discípulo amado, ele é quem narra as histórias que viu pessoalmente; “E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais” (Jo 19.35). O que escreve não é “aquele que viu”, mas está escrevendo e narra que o autor é aquele que “o”, viu. Ainda fica a dúvida se “aquele que viu”, também não poderia ser alguém que testemunhou o testemunho daquele que viu Jesus.

Mesmo o último discípulo vivo sendo o autor, no sentido daquele que narra, ele tem consciência de que o Evangelho não é seu próprio ou um produto de sua individualidade. Reconhece que o quarto Evangelho é uma

construção histórica de continuidade que se deu por todos na comunidade do discípulo amado (BROWN, 1999, pp. 30.53). O autor relembra os fatos passados e às vezes transporta os mesmos fatos anacronicamente do presente ao passado. Por vezes reinterpreta textos passados como cumprimentos dos fatos presentes. Isso é talvez a razão pela qual se percebem muitos anacronismos no quarto Evangelho, ou seja, isso é resultado de algumas manobras literárias de transportar, fora do tempo, acontecimentos a outro momento.

Brown (1999) define sua ideia da possibilidade de quem seria o discípulo amado e como se originou a comunidade fundada em seu nome. Percebe-se que o autor se restringe a afirmar a certeza acerca de quem realmente é o autor do quarto Evangelho. O que parece é que o estudioso suspeita de que o “amado”, já estivesse morto na época da composição da obra. O autor do Evangelho seria um dos discípulos que serviu ao discípulo amado e que conquistou grande nome na comunidade. Esse relembra os relatos do discípulo amado e os escreve junto com a comunidade no ano 90, seria ele o “Ancião,

o Presbítero?”. A conclusão é que o autor ainda continua desconhecido, mesmo podendo suspeitá-lo.

Acerca da data, creio que não é viável pensar na possibilidade de o quarto Evangelho ter sido escrito em 70, ou antes dessa data. Tanto a evidência interna como a evidência externa, estão de comum acordo de que João, se foi o autor, viveu até ao reinado do imperador Trajano, por volta do ano de 96-98. A composição do Evangelho foi em um tempo antes dessa data, no reinado de Domiciano 81-96. Fato é que, mesmo com a descoberta do papiro Egerton 2 e o papiro 52 de Rylands, não há como pensar em uma data antes de 80 ou depois do século II.

A hipótese apresentada por Brown (1999), parece bem esclarecedora, o autor é da opinião de que não é viável datar uma obra só pelo fato dela supor isoladamente textos ou versos e fragmentos antigos. Reconhecidamente, deve-se ter em mente que o último elemento da obra é o referencial que guiará até à data aproximada, porém a mesma não pode ser datada antes desse último elemento. A melhor ideia é que o Evangelho foi

escrito por volta do ano 90. Que houve um período pré-evangélico que foi responsável em formar o corpo do Evangelho joanino.

O período de conclusão dessa formação joanina durou várias décadas e abrangeu os anos 50 a 80, período pré-evangélico. Já o ano 90, envolve a situação da vida da comunidade joanina e foi a data que marcou a redação final do quarto Evangelho, situada na segunda fase proposta por Brown (1999). Por fim, Éfeso é o lugar mais indicado para a composição da obra, parecendo ser mais aceita e apoiada pela evidência interna e evidência externa, isto é, que o quarto Evangelho foi composto em algum local da Ásia Menor. Este local, possivelmente, foi a região em que se deu a redação final do quarto Evangelho, e também pode ter sido a localidade de permanência da comunidade joanina.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, John William. **Revelation of John**. Traduzido por Carlos Biagini. [O Novo Testamento citado por William Barclay]. Trinity College, Glasgow, Escócia: 1958.

BEUTLER, Johannes. **Comentario al Evangelio de Juan**. Estella: Verbo Divino, 2016.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João: comentário**. Tradução: Johan Konings, SJ, São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

BLOOM, Harold – **Jesus e Javé os nomes divinos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BORTOLINI, J. **Como ler o Evangelho de João: O caminho da vida**. 1º ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN, Raymond Edward. **A Comunidade do Discípulo Amado**. São Paulo: Paulus, 1999.

BROWN, Raymond Edward. **Introducción al Nuevo Testamento. I. Cuestiones preliminares, Evangelios y obras conexas**. Traducción de Antonio Piñero, Madrid: Editora Trotta, 2002.

BRUCE, F. F. **João - Introdução e Comentário**, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento.**

Tradução de Ilson Kayser. Revisão: Nélio Schneider. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CARSON, D. A., Douglas J. MOO e Leon MORRIS.

Introdução ao Novo Testamento. Traduzido por Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CASALEGNO, Alberto. **Para que contemplem a minha glória (João 17,24):** Introdução à teologia do Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2009.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. **Comentário Bíblico Beacon.** 1a Ed. Vol. 7. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História eclesiástica.** Introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2000.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos (II).** São Paulo: Loyola, 1992.

GORGULHO, Frei Gilberto. **A história da Palavra II: Teologia Bíblica: a nova aliança.** São Paulo: Paulinas, 2005.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. Tradução de Claudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. 1ª ed. Curitiba-PR: Editora Esperança, 1996.

JAUBERT, A. **Leitura do Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 1982.

KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2004.

KNIGHT, A. & W. Anglin. **História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX**. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1983.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

LOHSE, Eduard. **Introdução ao Novo Testamento**. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

LOPES, Hernandes Dias. **1, 2, 3 João, como ter garantia da salvação**. São Paulo: Hagnos, 2010.

MACARTHUR, John. **João. Jesus - O Verbo, Messias, Filho de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético.** São Paulo: Paulinas, 1999.

MAZZAROLO, I. **Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?** Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João: Uma nova leitura dos evangelhos.** 1º ed. Porto Alegre: Mazzarolo Editor, 2000.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 179-188.

PEARLMAN, Myer. **João, o Evangelho do Filho de Deus.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

PERKINS. Evangelho Segundo João. In: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pag. 730-816.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento.** Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ROBINSON, A.T. **Redating the New Testament, London:** SCM Press, 1976.

TAYLOR, William Carey. **Evangelho segundo João.** 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento, sua origem e análise.** São Paulo: **SHEDD PUBLICAÇÕES** - Vida Nova, 1995.